

**DISCURSO DO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES  
GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES NO DIA DO COMBATENTE  
A 10 DE ABRIL DE 2010 NA BATALHA**

Exmo Senhor Presidente da República, Excelência  
Preside V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> hoje às comemorações do Dia do Combatente.  
Permita que, na pessoa de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, me dirija a Sua Ex.<sup>o</sup>a o Presidente da República, mas também ao Comandante Supremo das Forças Armadas e ainda ao Presidente de Honra do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes e também ao cidadão-soldado que, em determinado tempo da sua vida, foi mobilizado para, no cumprimento do seu dever, servir Portugal num Teatro de Operações em África.

Situação ímpar, irrepetível noutros ambientes e só repetível entre nós combatentes, o que constituindo uma subida honra, constitui igualmente oportunidade para uma partilha de sentimentos comuns.

Digna-se V.<sup>a</sup> Ex.<sup>o</sup> presidir a uma cerimónia do mais alto significado para os que serviram e servem Portugal nas Forças Armadas.

A presença do Comandante Supremo das Forças Armadas num dia em que se evocam os Combatentes de Portugal, nomeadamente aqueles que, conhecidos ou desconhecidos, caíram no campo da honra, testemunha o seu reconhecimento pessoal e permite que o acontecimento se projecte no imaginário de toda a população portuguesa, através dos inestimáveis canais da comunicação social.

Exmo Senhor Ministro da Defesa Nacional  
Exmo Senhor General CEMGFA  
Exmo. Senhor Presidente da Comissão de Defesa Nacional da AR  
Exmo. Senhor Almirante Chefe de Estado Maior da Armada  
Exmo. Senhor General Chefe do Estado-Maior do Exército  
Exmo. Senhor General Chefe do Estado-Maior da Força Aérea  
Exa Reverendíssima o Bispo das Forças Armadas e de Segurança  
Ilustres Entidades e Autoridades Civas, Militares e Religiosas Nacionais,  
Locais e de Países Amigos  
Ilustres Convidados  
Caros Combatentes  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Comemoramos hoje mais um Dia do Combatente. A Liga dos Combatentes fá-lo tal como o fez durante décadas, com o apoio dos Chefes de Estado Maior dos Ramos das Forças Armadas a que se juntaram desde 2003 a generalidade das Associações de Combatentes.

Significa isso que evocamos o homem português, os seus feitos e suas dificuldades, sempre que foi chamado a construir Portugal e a defendê-lo.

Nos primeiros três séculos, saindo de Guimarães consolidou nos Algarves a conquista do seu “Primeiro Império”, a que chamou e ainda hoje chama, Portugal.

No século XV e por um período de cinco séculos, construiu e desenvolveu o seu “Segundo Império” a que chamou de Ultramar.

Quis a História que aos combatentes do século vinte fosse em permanência solicitado, pelo poder político, para que defendessem o “Segundo Império”.

Disso a Liga dos Combatentes è testemunha ocular e vivente.

Assim foi nomeadamente na primeira Guerra Mundial.

Assim foi na Guerra do Ultramar, até que as circunstâncias os conduziram a participarem activamente no fim desse mesmo “Segundo Império”.

Reconduzidos à primeira condição, ambicionam agora que se lhe apresentem solicitações para participarem na construção de algo de novo, agora em comunhão com os seus amigos e aliados.

É espectável que possam agora ser solicitados a participarem na construção de um “Novo Império”:

- O Império do Desenvolvimento, da Democracia e da Paz.

Tudo indica que esse “Novo império”, em construção com a participação do cidadão e combatente português, se chame Europa.

De facto, não faz parte da nossa indiocincrasia, não sabemos, nem podemos ficar olhando apenas para o que se passa junto a nós ou para além do monte.

Temos que, como sempre, conhecer e preocuparmo-nos com o que está para além do horizonte.

Foi com esse olhar que construímos a primeira aldeia global e mudámos o mundo.

É esse olhar e conhecimento profundo, do espaço e do tempo, que deve ajudar-nos a reconstruir o futuro, rejubilando com sucessos e ultrapassando crises.

É atribuída a Camões a frase: “ Morro mas morro com a Pátria”. Camões foi o nosso maior poeta mas não o nosso maior profeta. Quinhentos anos depois aqui continuamos nós, evocando a nossa e sua ditosa Pátria.

A estrada da História marcou-nos, a nós, gerações do século vinte, atirando-nos para terras africanas à procura dos interesses vitais do país, com os sacrifícios e o sangue que só essa Pátria tem o direito de exigir.

Não vimos hoje aqui, porém, evocar, celebrar ou comemorar a guerra ou alimentar o “Mito da experiência de Guerra”.

Mas sublinhamos e damos relevo à necessidade de uma conservação e construção memorial que quer a 1ª República quer a Ditadura, a seu modo, menosprezaram e que só a existência de Instituições como a Liga dos Combatentes, nos permitiram trazer até hoje.

Lembramos a trilogia que nos reúne neste dia: - No Quadro das Comemorações do Centenário da Primeira República, evocamos em especial o Combatente Português na Primeira Guerra Mundial, na Guerra do Ultramar e nas Operações de Paz e Humanitárias.

O Século vinte acaba por criar, por força da força dos combatentes participantes naqueles conflitos, uma espécie de religião cívica, com base em símbolos universalizantes, no espaço e no tempo, e que passam:

- Pelas datas comemorativas do 9 de Abril, 10 de Junho e 11 de Novembro, celebrados há quase um século; Para além do 5 de Outubro e do 25 de Abril.

- Pelos mortos dignificados em talhões militares em Portugal e no estrangeiro;

-Pelas centenas de monumentos erguidos, mais pela força e sentimento populares, de famílias e de combatentes, do que pela assunção dos governos.

- Pelas cerimónias evocativas das vitórias conseguidas e derrotas sofridas.

A cerimónia de hoje, conjugando ao mais alto nível, a memória oficial com a memória pública. é mais um momento com significado histórico, pois aproxima os Homens, rejuvenesce a assunção da História, fortalece a memória colectiva e trás aos combatentes o reconfortante e quantas vezes ilusório sentimento de que nunca estiveram, nem estão sós.

Se é importante preocuparmo-nos em conhecer o que está para além do horizonte, não deixa de ser importante e mesmo fundamental dominar os problemas que se encontram no ambiente que nos envolve. Por isso, no que nos diz respeito, a resolução dos problemas e a dignificação dos que servem ou serviram as Forças Armadas é uma preocupação permanente das Associações de Combatente.

Sentimos que os combatentes e seus problemas não devem ser utilizados como arma de propaganda política.

Nem os vivos, nem os mortos...

Estes, os mortos, também não suportam demagogia e requerem dignidade.

É esse o sentido das difíceis acções que a Liga dos Combatentes vem desenvolvendo em África e no mundo. A demagogia ofende a memória de todos, em particular dos mortos de Richebourg, Boulogne-sur Mer, Antuérpia e Londres e Salomé onde repousam com dignidade há mais de 90 anos, 1878 soldados de Portugal, caídos na primeira guerra da Republica.

Lutamos igualmente pela dignidade dos combatentes vivos.

Neste dia, ao evocarmos as nossas vitórias e nossas derrotas que são vitórias e derrotas de Portugal, não podemos deixar de recordar e sintetizar as necessidades de reconhecimento e de apoio do Estado que tais vitórias e derrotas acarretam para os combatentes e suas famílias:

- Apoio à sua saúde física e mental;
- Apoio social e à inclusão social;
- Apoio à cultura da cidadania, segurança e espírito de defesa dos portugueses.

Muito tem sido feito.

Muito resta por fazer em apoio de combatentes deficientes, traumatizados física e mentalmente, idosos, carenciados, excluídos socialmente.

Eles vivem em crise permanente.

A crise temporária que nos afecta a todos, não pode justificar um menor apoio à sua crise permanente.

Minhas senhoras e meus senhores

Há precisamente 89 anos que a este lugar chegava um cortejo presidido pelo Presidente da Republica acompanhando dois soldados desconhecidos, um caído em Moçambique outro na Flandres durante a 1ª Guerra Mundial. Desde essa data a Liga dos Combatentes e desde alguns anos a esta parte outras Associações de Combatentes, aqui têm vindo todos os anos, em romagem e evocação.

Neste lugar sagrado, cruzam-se em permanência memórias históricas e uma tradição patriótica, humanista e cosmopolita, escritas por homens – soldados, com suor e sangue português, na lama europeia da Flandres, nas florestas e capins de Angola, Moçambique e Guiné ou nas montanhas da Bosnia e Afeganistão.

No próximo ano perfazem-se 50 anos sobre o começo da Guerra do Ultramar; - a 2ª Guerra da República.

Os combatentes não o esquecerão e irão evocar esse acontecimento.

Em nosso espírito estará na sala do capítulo deste Mosteiro, desde logo, mais um soldado desconhecido. O representante dos soldados desconhecidos dessa Guerra e foram muitos os que recentemente encontrámos pelas terras de África.

A pedra que os cobre hoje deixará de ser apenas de evocação aos Soldados Desconhecidos da Iª Grande Guerra, para se tornar num monumento de evocação dos Soldados Desconhecidos de Portugal.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Termino, evocando no quadro do Centenário da Republica Portuguesa todos os soldados de Portugal.

Eles confundem-se conforme as circunstâncias, entre os da espada, do gládio e os do arado.

Não encontro melhor síntese que ilumine as circunstâncias do cidadão-soldado e a cultura da cidadania, segurança e espírito de defesa, do que a poesia de António Gedeão, que o próprio titulou de “Poema de Terra Adubada”

*“As árvores são belas com os troncos dourados  
São boas e largas para esconder soldados*

*Não é o vento que rumoreja nas folhas  
Não é o vento, não  
São os corpos dos soldados rastejando no chão.*

*O brilho súbito não o é dos limbos das folhas reluzentes  
É das lâminas das facas que os soldados apertam entre os  
dentes*

*As rubras flores vermelhas não são papoilas, não  
É o sangue dos soldados que está vertido no chão*

*Não são vespas, nem besoiros, nem pássaros a assobiar  
São os silvos das balas cortando a espessura do ar.*

*Depois os lavradores  
Rasgarão a terra com a lâmina aguda dos arados  
E a terra dará vinho e pão e flores  
Adubada com os corpos dos soldados.”*

Neste Dia do Combatente, sairemos daqui serenamente convictos de termos mais uma vez reforçado a Memória Imaterial do Povo Português.

De facto, a Identidade Nacional, consubstanciada numa Pátria e numa História seculares, tendo expressão no sentimento colectivo e materializada em símbolos, cuja existência e visibilidade, estão aqui bem presentes, reforçam a nossa identidade como povo e testemunham a grandeza da nossa Memória Imaterial.  
A nossa razão de ser.

Por isso vale a pena continuarmos a honrar os combatentes mortos e a lutar pela garantia da dignidade dos combatentes vivos.

Contamos com o apoio de V<sup>os</sup> Ex<sup>as</sup>

Contamos com o apoio e compreensão dos portugueses.

Joaquim Chito Rodrigues  
Tenente-general